

## As representações de bruxaria na série *Salem*: um estudo comparativo

Representations of witchcraft in the TV series Salem: A comparative study

**Isabel Cristine Machado de Carvalho**

Universidade Potiguar. Av. Engenheiro Roberto Freire, 2184, Capim Macio, 59082-902, Natal, RN, Brasil.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Campus Universitário, Lagoa Nova, 59078-970, Natal, RN,  
Brasil. isabelcristine@unp.br

**Manoel Pereira da Rocha Neto**

Universidade Potiguar. Av. Engenheiro Roberto Freire, 2184, Capim Macio, 59082-902, Natal, RN, Brasil.  
manupereira@unp.br

---

**Resumo.** Neste artigo, trazemos a série de TV *Salem* para analisarmos elementos da bruxaria utilizados como parte da construção da trama. Para isso, adotamos uma abordagem qualitativa e desenvolvemos uma análise comparativa que leva em consideração os seguintes aspectos: as bruxas em *Salem*; a divindade das bruxas; a transmissão do saber bruxo; os familiares e a marca da bruxa; o *sabá*, os voos noturnos e os objetos mágicos. As práticas e representações de bruxaria, configuradas nos episódios da série, revelam muito mais aproximações do que distanciamentos no tocante aos aspectos considerados reais por praticantes tanto da bruxaria tradicional quanto da moderna, e também se abeiram dos relatos inquisitoriais durante o período mais elevado de caça às bruxas, entre 1560 e 1660.

**Palavras-chave:** *Salem*, bruxaria, ficção televisiva.

**Abstract.** In this article, we bring the Salem TV series to analyze elements of witchcraft used as part of the plot construction. To do so, we adopt a qualitative approach and develop a comparative analysis that take into account the following aspects: witches in Salem; the divinity of the witches; the transmission of wizarding knowledge; the family members and the witch mark; the Sabbath, the night flights and the magical objects. The practices and representations of witchcraft embodied in the episodes of the series reveal far more approximations than distances in regard to aspects considered real by practitioners of both traditional and modern witchcraft, as well as the inquisitorial reports during the highest hunting period witches, between the years 1560 and 1660.

**Keywords:** Salem, witchcraft, television fiction.

---

### Introdução

*Salem* é uma série de TV lançada em abril de 2014 pela produtora americana 21<sup>st</sup> Century Fox e transmitida pelo canal WGN America de TV fechada. No Brasil, a série é correntemente exi-

bida pelo canal FOX 1. Seus episódios narram histórias sobre o universo da bruxaria e do que ficou conhecido pelos historiadores como o período da caça às bruxas.

A segunda temporada, exibida nos EUA entre maio e junho de 2015, registrou uma mé-

dia de 350 mil telespectadores, com 0.13% entre o público alvo ao vivo. Números abaixo da primeira, que conquistou uma média de 690 mil telespectadores, com 0.2% entre o público alvo ao vivo. No entanto, segundo os dados divulgados pelo canal, a segunda temporada teriam chegado a 1.1 milhão de telespectadores quando somado o DVR<sup>1</sup> de sete dias (com 545 mil entre o público alvo), números que seriam maiores que aqueles conquistados pela primeira temporada, quando somado o DVR dessa (Furquim, 2015).

A terceira temporada foi renovada e será composta de treze episódios. A produção teve início no segundo semestre de 2015. Sua estreia mundial ocorreu em novembro de 2016 e ainda está sendo exibida até a presente data. Criada por Brannon Braga e Adam Simon, a série oferece uma versão peculiar sobre a caça às bruxas na cidade de Salem, nos Estados Unidos.

Segundo Carvalho e Fontoura (2015a), no seriado, os ritos, os feitiços, os encantamentos, a marca da bruxa, a divindade associada ao culto, a transmissão de saberes bruxos, os familiares, os objetos mágicos, o *sabá* (tipo de assembléia ou reunião) e o voo noturno são, inevitavelmente, recorrentes; revelam ainda, em sua grande maioria, uma construção de feitiçaria diabólica, com todos os seus acessórios: pactos com o “diabo”, *sabás* e profanação dos sacramentos. Essa construção foi elaborada em meados do século XIII e XV, por teólogos e inquisidores. Posteriormente, espalhou-se gradualmente por toda Europa através de tratados, sermões e imagens, atingindo, depois, até mesmo outros continentes.

Essa situação europeia da Idade Média serve de ponte para apresentarmos, neste artigo, os elementos da bruxaria tradicional e moderna utilizados como parte da construção da trama em *Salem* – que se aproximam no tocante às práticas e representações consideradas reais por praticantes da bruxaria na contemporaneidade e que se abeiram dos relatos inquisitoriais durante o período mais elevado de caça às bruxas, entre 1560 e 1660.

Lançamos mão, portanto, de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que sua finalidade não é dispor de métodos e técnicas estatísticas, contar opiniões ou pessoas, mas, ao contrário, “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Gaskell, 2002, p. 68). A partir desse enfoque, desenvolvemos uma análise comparativa que leva em consideração os seguintes aspectos: as bruxas em *Salem*; a divindade das bruxas; a transmissão do saber bruxo; os familiares e a marca da bruxa; o *sabá*, os voos noturnos e os objetos mágicos. Tais aspectos configuram categorias de análise que possibilitam identificar aproximações e distanciamentos, percebidos pelos praticantes da bruxaria tradicional e moderna no Brasil, no tocante às práticas e representações de bruxaria na série *Salem*. Para tanto, utilizamos como fonte para o estudo comparativo: os artigos *As “verdades” em Salem (Parte 1)* e *As “verdades” em Salem (Parte 2)*, publicados no blog sobre artes e paganismo, *Sono de Endimião*, produzidos pelos bruxos Odir Fontoura<sup>2</sup> e Adriano de Carvalho<sup>3</sup>; as duas temporadas da série *Salem*; registros encontrados nos livros sobre a temática; e material disponibilizado na Internet.

Em *Salem*, dois aspectos nos chamaram a atenção. O primeiro está relacionado ao distanciamento da imagem estereotipada e fantástica da bruxa, que fora construída em filmes infantis e está marcada em nossas memórias. O segundo diz respeito aos determinantes históricos que engendram a narrativa da série.

Bruxas e bruxos sempre tiveram espaço nas produções televisivas e cinematográficas. Nas histórias de contos de fadas, por exemplo, a antagonista invariavelmente era uma “bruxa má, velha, enrugada e feia, que comia criancinhas, era uma imagem bem viva no inconsciente da maioria das pessoas” (Pedrosa, [s.d.]). Pode-se perceber que a imagem da bruxa, nesse cenário, particularmente, sempre está associada à figura da mulher.

<sup>1</sup> Sistema de gravação de vídeo criado para impulsionar as vendas de TV por cabo e por satélite digital, que permite gravar os programas, podendo estes serem posteriormente reproduzidos livremente.

<sup>2</sup> Bruxo de tradição wiccana. Criador do blog *Sono de Endimião* (antigo *Diannus do Nemi*). Autor do romance *Sob o sol já deitado*, publicado em 2011 – romance épico e histórico que trata da transição paganismo-cristianismo nos últimos anos do Império Romano, com Diocleciano empreendendo as últimas perseguições aos cristãos.

<sup>3</sup> Em entrevista ao blog *Veneno Serpentina*, publicada no dia 25 de abril de 2015, Draku-Qayin (pseudônimo) registra a sua formação e orientação dentro da bruxaria. Atua de forma solitária, embora reúna em conclave com alguns irmãos da Arte em determinados momentos do ano. É inspirado em grande parte pela tradição sabbática, mas não é membro da ordem conhecida como *Cultus Sabbati*, sendo a tradição sabbática a base e fundamento de suas práticas pessoais, principalmente por meio da obra conhecida como *The Dragon-Book of Essex*.

*Personagens imaginários, representados como velhas horrorosas, com verrugas no nariz, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas, bastante parecidas com cacarejos. A Rainha Má, de A Branca de Neve de Walt Disney, o desempenho de Margaret Hamilton como a Bruxa Malvada em O Mágico de Oz e, por trás delas, uma longa tradição artística que se estende do século XIII a Goya, fixaram essa imagem em nossas mentes (Russel e Alexander, 2008, p. 9).*

Segundo os pesquisadores, nenhuma bruxa, em tempo algum, jamais teve as características desse estereótipo. Nessa perspectiva, configura-se uma imagem da feiticeira, construída pela Inquisição.

*As bruxas existem realmente. De fato, a bruxaria é considerada como religião de pleno direito por numerosas instituições [...]. Dentre as bruxas que conhecemos, nenhuma correspondeu jamais a esse estereótipo, exceto talvez em festas à fantasia (Russel e Alexander, 2008, p. 9).*

As bruxas más, velhas e enrugadas são, portanto, fortes no imaginário coletivo, fruto de uma herança discursiva, especialmente no que diz respeito à relação da bruxaria com seres diabólicos – relação essa que foi socialmente construída por autoridades religiosas. Os enunciados sobre bruxaria e suas práticas são manifestados pela mídia; neste caso, pela ficção televisiva seriada. Esses enunciados não são, de maneira alguma, inéditos e inaugurais, apesar de assim parecerem, em virtude do grande investimento que se faz. “A mídia [...], como todo falante, é uma instituição respondente a outros discursos. As narrativas midiáticas são produções que carregam uma herança da fala” (Brasiliense, 2009, p. 127).

Aspectos bizarros, monstruosos e estereotipados foram perdendo força. As narrativas sobre bruxaria moderna<sup>4</sup> ganharam espaço em meados da década de 1990, quando uma forte disseminação de temas relacionados à feiticeira nos meios de comunicação firmou uma imagem e uma definição da bruxaria moderna, especial-

mente na cultura adolescente. Em 1996, a Sony Pictures lançou *Jovens Bruxas*, filme que, Segundo Russel e Alexander, era uma obra “sensacionalista a respeito de bruxas adolescente que foi um grande sucesso de bilheteria” (2008, p. 190). O referido filme foi o primeiro de uma série de produções sobre bruxos e bruxaria, lançados sucessivamente por Hollywood em um curto período de tempo.

Ainda em 1996 foi lançado *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira*, uma série televisiva. No ano seguinte, *Buffy, a caça-vampiros* se tornou popular entre seu público-alvo. Mas foi em 1998, com a série de televisão *Charmed* e com o filme *Da magia à sedução*, os dois estrelados por jovens atrizes no auge de suas carreiras, que a temática alcançou seu clímax.

Em *Salem*, as bruxas são mulheres jovens e belas, seguindo a tendência, surgida na década de 1990, das produções audiovisuais sobre a temática; visual, portanto, distante das primeiras representações exibidas pelo cinema e que reforçam a afirmação de Russel e Alexander: “a compleição física não era uma unanimidade para acusações de bruxaria. Os traços mais decisivos, suscetíveis de acarretar acusações de bruxaria, eram mendigar, resmungar, praguejar e altercar” (2008, p. 114).

No tocante aos aspectos históricos presentes na série *Salem*, identificamos os simbolismos da bruxaria antiga e moderna, bem como a reconstrução de práticas mágicas encontradas nos documentos religiosos. O mais famoso deles foi o *Malleus Maleficarum*, traduzido como *O Martelo das Feiticeiras*. São 256 páginas de um texto produzido em latim, no ano de 1486, pelo inquisidor alemão Heinrich Kramer, também conhecido pelo nome latinizado Heinrich Institoris. Trata-se de um manual jurídico bastante completo, criado para provar que as bruxas eram reais e que deveriam ser mortas. Nos séculos XVI e XVII, com mais de 30 mil exemplares impressos, o livro espalhou pela Europa e, um tempo depois, chegou também ao novo mundo.

<sup>4</sup> Não está historicamente ligada ao fenômeno medieval, mas sim às especulações sobre a bruxaria, que começaram a surgir posteriormente ao declínio do próprio fenômeno. A bruxaria neopagã da atualidade consiste, em sua maior parte, de definições, afirmações e terminologias elaborados nos duzentos anos entre o final do Iluminismo e o começo do século XXI. Entende-se, portanto, por bruxaria moderna, um sistema de práticas e crenças relativas ao fenômeno da bruxaria tradicional retomado por meio das investigações da egiptóloga e antropóloga inglesa, Margaret Murray, na década de 1920. Gardner (2003), pai da bruxaria moderna, desencadeou a evolução e disseminação da Wicca Gardneriana, que, segundo Russel e Alexander (2008), aconteceram rapidamente.

Ginzburg nos revela, acerca dos relatos confessionais de bruxaria, durante o período de caça às bruxas, que: “o que contava era apenas a demonstração da barbárie e da irracionalidade da perseguição e as narrativas das bruxas eram liquidadas como fantasias absurdas ou confissões arrancadas pela ferocidade e superstição dos juízes” (2010, p. 9). Ou seja, os juízes tinham desinteresse total pelas confissões das bruxas; eles só queriam, a todo custo, ouvir o que estava posto nos documentos religiosos.

Segundo Russel e Alexander (2008), o uso da tortura seria uma explicação suficiente para a maioria das confissões. Nos tribunais do continente, a confissões eram quase sempre obtidas por meio de tortura. Eram encorajadas pelo terror, pela sugestionabilidade. É legítimo constatar, portanto, que a maioria dos acusados era inocente. No entanto, o caráter persuasivo dessas confissões, mediante tortura, não descredibiliza a representação das práticas de bruxaria abordadas no seriado, tendo em vista que é provável que algumas daquelas pessoas interrogadas realmente tenham participado de encontros noturnos com grupos secretos, praticado alguma espécie de magia e acreditassem ter convivido intimamente com o “diabo”.

Eliade (2011) afirma que a confissão de homens e mulheres mediante tortura se tornou uma justificativa de autores contemporâneos para promover o argumento de que o mítico-ritual de bruxaria não passava de uma invenção de teólogos e inquisidores. Para ele, essa opinião deve ser examinada com cuidado:

*Com efeito, se as vítimas não eram culpadas dos crimes e heresias que lhes imputavam, algumas admitiam ter realizado cerimônias mágico-religiosas de origem e estrutura “pagã”; tais cerimônias tinham sido havia muito tempo proibidas pela Igreja, ainda que estivessem, às vezes, superficialmente cristianizadas. Essa herança mítico-ritual fazia parte da religião popular europeia (Eliade, 2011, p. 217).*

Esses elementos não passaram despercebidos pela comunidade de bruxos no Brasil. Carvalho e Fontoura (2015a) consideram *Salem* a melhor série já produzida sobre o tema. Ainda segundo os autores, a reconstrução histórica faz com que o telespectador se transponha facilmente para a realidade daquele tempo e lugar, o que leva a crer que a produção do seriado dispõe de uma consultoria de pesquisadores e estudiosos da bruxaria.

Ter uma série renovada significa que comunidades de interpretação reagiram de maneira positiva à temática. Adotamos o termo “comunidades de interpretação” proposto por Stanley Fish e recepcionado por Esquenazi (2010). A denominação significa que tais comunidades são formadas por aqueles que partilham as mesmas estratégias de interpretação e que reagem de forma comum face a um objeto simbólico. A consciência de pertencimento a essa comunidade é decisiva para a adesão à série.

A ideia de que os públicos apenas assistem aos programas para romperem com as suas tristes vidas cotidianas não cabe mais. De acordo com Esquenazi (2010), durante muito tempo, essa ideia do prazer do telespectador sobrecarregou a análise da ficção televisiva. Hoje, deve-se levar em consideração a afeição pelas séries também pela sensação de reconhecimento e identificação do universo apresentado como parte de sua vida privada.

Essa concepção de pertencimento foi percebida nos artigos *As “verdades” em Salem (Parte 1)* e *As “verdades” em Salem (Parte 2)*, produzidos pelos bruxos Adriano de Carvalho e Odir Fontoura, ambos integrantes de uma comunidade de interpretação da série *Salem*. A análise comparativa dos artigos e dos episódios das duas temporadas de *Salem* nos permitiu identificar elementos da bruxaria tradicional<sup>5</sup> e moderna utilizados como parte da construção da trama.

---

<sup>5</sup> No site oficial do Conselho Tradicional de Bruxaria no Brasil, Rogério Draco, fundador da entidade, apresenta a bruxaria tradicional como uma religiosidade pré-cristã, advinda das famílias pagãs europeias, dos clãs. É o culto, o costume, a mitologia e a sabedoria do povo da terra. Seu entendimento advém da vivência, da percepção, do contato mágico do humano com a flora e fauna; seus remédios, seus instrumentos, seu som, sua força, sua proteção, seu meio de existência, dando à mesma uma característica tão íntima como a fé, como a sensação pura e simples das manifestações plenas das divindades. Os membros dessa antiga crença constituem agrupamentos de pessoas que trabalham com foco na magia natural, servindo como um entendedor das particularidades de cada estação, da chuva, da lua, do sol, da semente e da criação. Honram e respeitam o poder transmitido no culto às divindades da natureza em seu digno habitat. O poder ancestral é transmitido de geração a geração, por meio da palavra falada e do conhecimento compartilhado pelos membros do clã. A sabedoria é guardada sob juramento e repassada às próximas gerações através dos membros mais antigos, dos espíritos dos ancestrais.

## Práticas mágicas e representações de bruxaria em Salem

A série é ambientada no século XVII, ano de 1685. Seu nome faz referência à vila de Salem. A bruxaria tornara-se um sério problema na Inglaterra na década de 1560, mas só a partir da década de 1640 a Nova Inglaterra (colônias americanas) se tornou palco de perseguições. Salem não foi a primeira cidade a registrar enforcamento de bruxa – o primeiro ocorreu em Connecticut, em 1647 –, mas o julgamento ocorrido ali foi o mais emblemático.

Contudo, a série não faz referência a tal julgamento, que ocorreu em 1692 e teve início com “histeria de duas garotas, de 9 e 11, após uma brincadeira de adivinhação numa tentativa mais ou menos séria de descobrir quem seriam seus futuros maridos” (Russel e Alexander, 2008, p. 108). Na proposta ficcional, encontramos uma versão reconfigurada do que ocorreu, em um dos:

*[...] mais memoráveis e bem documentados julgamentos por bruxaria nas colônias americanas. [...] Precedentes intelectuais e legais já haviam predisposto os habitantes da Nova Inglaterra a acreditar em bruxaria, e certo número de tensões sociais e políticas existentes em Massachusetts, sobretudo em Salem, inclinavam o povo a exteriorizar acusações e a acreditar nelas (Russel e Alexander, 2008, p. 108).*

No tocante aos fatos, ocorridos na vila homônima, os roteiristas deram a dois de seus personagens os mesmos nomes de sujeitos reais que fizeram parte do julgamento na referida localidade: Cotton Mather, interpretado pelo ator Seth Gabel, e Tituba, papel da atriz Ashley Madekwe. Segundo Russel e Alexander (2008), Cotton Mather foi um dos líderes intelectuais da Nova Inglaterra que defendiam a crença em bruxas, e não fez o mínimo esforço para ajudar as acusadas. Seus textos *Memorable providences relating to whichcraft and possessions*, de 1689, e *Wonder of the invisible word*, de 1693, sustentaram a tradição na crença em bruxas. Tituba, uma escrava, das Índias Ocidentais, foi uma das acusadas de bruxaria pelas meninas da vila.

Na ficção televisiva, Cotton Mather é um aristocrata e lidera uma cidade dominada pelo delírio da caça às bruxas. Tituba é uma espécie de criada da personagem principal, Mary

Sibley, vivida pela atriz Janet Montgomery. Mary Sibley, uma sacerdotisa, é a líder do *coven*<sup>6</sup>; Tituba, por sua vez, faz parte dele.

Além de Tituba e Mary Sibley, mais três personagens presentes na trama são destacados nos textos de Odir Fontoura e Adriano de Carvalho, permitindo identificar elementos de práticas e representações da bruxaria tradicional e moderna: Anne Hale, Mercy Lewis e a Condessa Marburg. A primeira, interpretada pela atriz Tamzin Merchant, é uma jovem artista que se rebela contra o conservadorismo da vila. Ela descobre que é uma bruxa no decorrer da série. Elise Erbele dá vida à segunda personagem, uma garota com aflições estranhas e violentas, causadas por algo desconhecido. Com o desenvolvimento da história, torna-se uma feiticeira, e, aos poucos, vai acumulando forças e aumentando seus poderes. Por fim, Lucy Lawless, a Condessa Marburg, é uma das últimas bruxas, de uma longa linhagem de poderosas bruxas alemãs, e é a maior inimiga de Mary Sibley.

## As bruxas de Salem

Mary Sibley, Tituba, Anne Hale, Mercy Lewis e a Condessa Marburg são bruxas jovens, belas e que estão intimamente associadas aos poderes da natureza. Elas estão próximas das “mulheres selvagens do folclore, que representam a rusticidade agreste da natureza em contraste com o mundo da humanidade civilizada” (Russel e Alexander, 2008, p. 53). Essa forma arquetípica de se reportar à bruxa significa estabelecer padrões de comportamento que estão associados a uma força natural, possuidora de grandes poderes, contra os quais não há sujeito capaz de se prevenir ou de se defender.

Distante do mundo dos homens e próximas à natureza, a representação das bruxas em *Salem* constitui uma ameaça à ordem social, ética e até mesmo física do cosmo. Configura, portanto, uma presença ameaçadora. Estabelecendo conexões com a representação de mulher, apresentada por Lipovestky, a identidade de bruxa em *Salem* está mais próxima da “primeira mulher”:

<sup>6</sup> O termo vem de “*couentus*”, que significa “estar junto, reunir-se”. Nome dado aos grupos de bruxas e bruxos que pertencem a uma mesma tradição.

*Dos mitos selvagens ao relato do Gênese, domina a temática mulher, potência misteriosa e maléfica. Elemento obscuro e diabólico, ser que se serve de encantos e astúcias, a mulher é associada às potências do mal e do caos, aos atos de magia e de feitiçaria, às forças que agridem a ordem social (Lipovestky, 2000, p. 233).*

Segundo esse autor, além dessa, ainda existem dois tipos de mulher: a “segunda mulher”, que é aquela idolatrada, idealizada a partir da Idade Média, sentada num trono, a Grande Mãe, uma divindade feminina; e a “terceira mulher”, que seria aquela que aponta um novo modelo de comando, onde ela escreve sua própria história, seu próprio destino, caracterizado por sua autonomização em relação à influência tradicional exercida pelos homens (contudo, a diferença entre os sexos ainda se faz presente).

As bruxas em *Salem* não se aproximam da “segunda mulher”, visto que a sua adoração reside, provavelmente, apenas numa divindade masculina. O deus cornífero, divindade masculina, é alicerçado pela bruxaria tradicional, muito embora a bruxaria moderna também adote a crença em um deus, mas a deusa tem um lugar de destaque. As bruxas contemporâneas certamente sofrem a atuação dessas mulheres, inclusive a da “segunda mulher” – que não se faz presente na série –, ou seja, a bruxa imersa na tradição moderna ou *wiccana*.

## A divindade ou deidade das bruxas

A associação que se faz entre o culto das bruxas e a figura do diabo é um tema que perpassa a elaboração da cristandade medieval e o nascimento da bruxaria. A bruxaria, enquanto grande conspiração demonolátrica que aterrorizou os princípios da Modernidade, não encontra, segundo Nogueira (1995), correspondência nos sistemas mágicos da Antiguidade Clássica. Duarte (2013) afirma que o surgimento de obras de antropólogos e folcloristas que preconizavam a sobrevivência de antigas formas religiosas também afastam a tese do culto das bruxas associado ao culto ao diabo. *O Ramo Dourado*, de Sir James George Frazer, *Aradia: o evangelho das bruxas*, de Charles Godfrey Leland e, especialmente, *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, de Margaret Murray, são as mais representativas obras a respeito desse tema.

*A tese defendida na obra O Ramo Dourado é a de que todas as religiões possuem um cerne comum: um culto de fertilidade, baseado na adoração e periódico sacrifício de um Rei Sagrado. Este rei seria a encarnação ou representação terrena de uma divindade solar, que realizaria um casamento místico com uma deusa da Terra, morreria na época da colheita e renasceria na primavera [...] todas as mitologias do mundo possuiriam como núcleo comum a profunda associação com o ciclo das estações do ano, visando assegurar a fertilidade da terra e a continuidade da vida (Duarte, 2013, p. 16).*

A egiptóloga Margareth Murray, influenciada pelas teorias de Sir James Frazer, em *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, argumenta que a bruxaria europeia é uma antiga religião da fertilidade, datando do neolítico. Essa não seria uma religião centrada numa Grande Mãe, conforme afirma Frazer, mas sim baseada no culto de Dianus, o deus chifrudo. Essa divindade teriomórfica era cultuada em ritos bem definidos; sua organização era altamente desenvolvida e o seu ritual era comparado a muitos outros rituais antigos. As sacerdotisas e figuras centrais do culto seriam mulheres: as bruxas.

Contudo, o culto ao deus de chifres em nada tem a ver com a figura do diabo, preconizado pela Igreja, embora ela deva ter se baseado em Dianus para criar a imagem do demônio. Imagens pagãs foram mais tarde transformadas na ideia do diabo cristão. A mudança, portanto, foi fruto da ação do pensamento cristão sobre a sociedade e a religião pagãs. O moderno saber histórico não recepiona a tese de Murray. De acordo com Duarte (2013) e Russel e Alexander (2008), no entanto, as críticas ao seu trabalho à época em que foi escrito foram muito esparsas e publicadas em periódicos especializados, o que acabou por não afetar a popularidade de sua teoria.

O tema é ressaltado logo no início da série. No entanto, não fica claro qual é a “divindade” associada ao culto das bruxas em *Salem*. Nas imagens que aparecem no primeiro episódio é possível encontrarmos os símbolos do chifre, dos pelos animais no corpo e dos pés de bode. “Em outros episódios, no entanto, também em formato de *flashes*, outras imagens podem ser percebidas” (Carvalho e Fontoura, 2015a). Os autores indagam se essas representações poderiam se tratar de Pã ou do próprio demônio presente nas escrituras cristãs.

*Se por um lado muitos ramos da Bruxaria, na atualidade (principalmente na Wicca), estão muito ligados ao paganismo e procuram retratar os seus deuses à maneira antiga, pré-cristã, e por isso encontram certa resistência em ver no Diabo uma face do Deus das Bruxas; por outro lado, existem grupos 'tradicionais' que não sentem a necessidade de distanciarem-se do cristianismo, e conseguem observar, também no corpus simbólico, teológico e ritualístico do cristianismo, um "meio" de transmissão pelo qual as Máscaras dos seus Deuses estão presentes (Carvalho e Fontoura, 2015a).*

A divindade das bruxas em *Salem* aproxima-se do deus cornífero, identificado de várias formas: Cernunnos, Pã, Janus, Dianus, Herne e Puck. Também pode ser representado na forma zoomórfica de um bode negro. Contudo, o deus de chifres, na bruxaria tradicional, não é o "diabo", princípio do mal. O velho cornífero é a força dinâmica, selvagem e vital do aspecto masculino de toda a natureza.

*Nós o veneramos porque veneramos a vida. Ele possui chifres e cauda, que denotam seu conhecimento instintivo e animal, sua sapiência natural. Este Deus é parte bicho e parte homem, mescla da força vital e perícia xamânica. O Deus Cornífero, como a Deusa, é sexual, terreno, apaixonado e sábio. Entre os dois, a Mãe Deusa e seu companheiro, se constrói o mundo (Beth, 1997).*

Portanto, o "diabo" cultuado pelas bruxas da série é uma força antiga, indômita e de tempos imemoriais, assim como para muitas bruxas tradicionais. Com o advento do Cristianismo – a esfera do bem, conforme registra Nogueira (2004) –, a entidade passou a desempenhar uma configuração maléfica, destrutiva – a esfera do mal –, associada ao paganismo.

*Na segunda temporada, Mary Sibley se refere a ele com as seguintes palavras: 'Nem o mundo, a carne e nem o próprio diabo é como um traje puritano onde só há negro e branco. Tudo é cinza. E o diabo que eles temem não é o diabo que eu conheço' (Carvalho e Fontoura, 2015a).*

No episódio *House of Pain*, da primeira temporada, Tituba, quando torturada pelo inquisidor Cotton Mather, chama a deidade de "Kanaima".

*De acordo com o personagem, Kanaima é um deus "pagão" da natureza e selvageria. Tituba também diz que ela aprendeu sua bruxaria diretamente com Kanaima. O que é um fato interessante, visto que muitas bruxas do que se*

*convencionou chamar de "Bruxaria Tradicional" clamam exatamente o mesmo. Entre os diversos exemplos conhecidos, podemos citar o Toad-Rite, um certo rito inglês no qual havendo o sucesso em sua conclusão, a bruxa recebe o poder e o conhecimento diretamente do próprio Diabo (Carvalho e Fontoura, 2015a).*

A representação de Kanaima se aproxima de uma deidade primitiva, rústica, associada aos poderes da natureza e com atributos conferidos a um espírito da natureza. Assemelha-se muito ao nome "Karnayna", como o deus das bruxas é chamado dentro da tradição alexandrina de Wicca. Variações deste mesmo nome são conhecidas em grupos tradicionais, segundo Carvalho e Fontoura (2015a). A personagem Tituba ainda qualifica Kanaima como aquele que salva os exilados, os pobres, os proscritos, e demonstra que o mundo que ele quer criar é um mundo onde cada um e todos os párias da sociedade podem viver em harmonia, sem medo de julgamento ou perseguição. Para os autores, é interessante notar que em *Aradia: o evangelho das bruxas* também é vista dessa forma, conforme descrita por Charles Leland: uma Salvadora, em plena Idade Média, que liberta os camponeses da escravidão da Igreja. Jackson e Howard (2008) afirmam que, na obra desse folclorista americano, publicada na década de 1890, uma visão alternativa de Lúcifer também pode ser encontrada: "Uma bruxa toscana chamada Maddalena supostamente forneceu o material desse livro para Leland e alegou seguir a tradição familiar hereditária no norte da Itália" (Jackson e Howard, 2008, p. 63).

### A transmissão do saber bruxo

Mercy Lewis, Anne Hale e Tituba; três personagens femininas que, no decorrer da trama, apresentam às comunidades de interpretação as três formas costumeiras pelas quais o saber bruxo é transmitido de geração a geração: por meio da comunhão entre semelhantes, pela transmissão dos conhecimentos restrito aos membros da família sanguínea ou pela própria Divindade.

A sacerdotisa Mary Sibley, no sexto episódio da primeira temporada, *The Red Rose and the Briar*, convida formalmente Mercy Lewis a fazer parte do seu *coven*. Carvalho e Fontoura (2015a) ressaltam que os autores da série decidiram customizar mais sua "mitologia", utilizando o termo *hive*, ou colmeia, em lugar da denominação mais comum *coven*.

*Após certa resistência da jovem, acaba sendo persuadida [...] é, primeiramente, levada até o local da Iniciação pela sua tutora. Esse acompanhamento é profundamente simbólico onde, na Wicca, por exemplo, os Iniciadores sempre guiam os Iniciados pelo Círculo e ajudam-nos a caminhar. Mercy está nua, e um dos textos sagrados da Wicca deixa claro, onde a própria Deusa teria dito: “E em sinal de que são verdadeiramente livres, estarão nus em Meus ritos” [...]. A partir de então passa a exercitar a sua experiência Bruxa em uma nova “família” até que, gradualmente, passa a distanciar-se de Mary e se torna mais independente. Na vida “real” os Covens, ou Círculos, organizam-se de forma semelhante: novos membros são formalmente convidados e passam por um processo de adaptação e de treino. Algumas vezes, partem para trilhar suas próprias jornadas depois disso (Carvalho e Fontoura, 2015a).*

O fragmento acima representa a prática da transmissão da sabedoria Feiticeira entre pessoas que, naturalmente, não pertenciam a uma mesma família sanguínea. Utiliza-se a nomenclatura “sabedoria Feiticeira”, pois, segundo Carvalho (2015), há um ditado que diz: a bruxa nasce, a feiticeira se faz. Esse ditado está relacionado à crença de que as bruxas nascem bruxas; portanto, o sangue bruxo, seja por hereditariedade direta ou linear, seja pelo nascimento de uma bruxa após gerações. Quando o indivíduo passa a estudar, aprender e praticar os procedimentos da arte bruxa, ou seja, passa a exercitar o conhecimento operacional, é dito que a feiticeira se faz.

*O bruxo é uma condição, ou você nasce ou não, não há escolha, é uma bênção e também uma maldição. Já o feiticeiro é aquele que estuda, aprende e obtém o conhecimento de suas Artes. Assim, um nascido bruxo, um nascido do sangue-bruxo, quando passa a estudar as Artes, torna-se também um feiticeiro. Quando digo que ambos os termos são concomitantes é porque a Arte primordial da bruxa, independente de seus cultos particulares, é e sempre foi a Arte de fazer feitiços ou bruxedos (Carvalho, 2015).*

A personagem Anne Hale é uma nascida do sangue bruxo. Temos, portanto, a transmissão dos conhecimentos restritos aos membros da família sanguínea. Ela se descobre uma bruxa hereditária, visto que seu pai também é bruxo. Na tradição familiar ou hereditária, temos um bruxo que foi iniciado por um ente familiar e/ou pode localizar sua história familiar em outro bruxo ou bruxos. Os bruxos hereditários, ou genéticos, segundo Aset (2011), são pesso-

as que tem, ou supõem ter, uma ascendência pagã (mãe, tia, avó, por exemplo). A maioria dos hereditários não aceita a infiltração de outras pessoas fora de sua dinastia. Porém, algumas tradições familiares “adotam” alguns membros, escolhidos criteriosamente.

Quase no fim da primeira temporada, no décimo primeiro episódio, *Catand Mouse*, Anne Hale descobre que pertence a uma família de bruxos. Seu pai, o magistrado Hale, interpretado pelo ator Xander Berkeley, conta-lhe sobre a história dos seus antepassados. A bruxa hereditária, Anne Hale, que nasceu bruxa, após descobrir essa verdade, passa então a se fazer feiticeira.

Tituba, entretanto, afirma ter recebido a transmissão de seu conhecimento bruxo por meio da própria deidade. Ser instruída na Arte diretamente de seu deus é um rito que ocorre entre as bruxas solitárias. De acordo com Aset (2011), uma bruxa solitária é aquela pessoa que pratica a Arte sozinha, mas ocasionalmente pode se juntar às festividades de *sabá* em um *coven* ou com outros bruxos solitários. Ela pode seguir, ainda, quaisquer das tradições ou nenhuma delas.

Ficção e realidade se misturam em *Salem* também no tocante à forma de transmissão do saber bruxo atribuído à personagem Tituba. Como apresentado anteriormente, a personagem, no episódio *House of Pain* da primeira temporada, afirma que aprendeu sua bruxaria diretamente com Kanaima, seu deus pagão. Ser instruída pela própria deidade aparece no depoimento da escrava das Índias Ocidentais, imersa em saberes e tradições mágicas. As meninas de Salem, submetidas a um intenso interrogatório por adultos e sob pressão, acusaram três mulheres de tê-las enfeitado: Sarah Goode, Sarah Osborne e Tituba – “as duas primeiras negaram, enquanto que Tituba confessou com grande satisfação e volúpia, declarando que tinha relações com o diabo na figura de uma coisa toda peluda, rosto peludo e um longo nariz” (Russel e Alexander, 2008, p. 108).

## Os familiares e a marca da bruxa

Na capa do livro *Discoverie of witches*, de Matthew Hopkins, publicado em 1647, o caçador-mor de bruxas da Inglaterra é visto observando duas bruxas cercadas por seus familiares. Na página, surgem sapos, ratos, gatos, coelhos, bode, touro. Carvalho e Fontoura (2015a) explicam que os animais ditos familia-

res são espíritos que, tradicionalmente, são tidos como auxiliares mágicos das bruxas. Esses espíritos por vezes são desencarnados. Mas, em certas ocasiões, também podem encarnar (através de uma série de procedimentos rituais específicos) em um animal de estimação da feiticeira. Cotidianamente, eles podem auxiliar em métodos divinatórios, por exemplo, ao “escolherem” cartas ou runas nas ocasiões oraculares – “o familiar seria ainda um demônio que acompanha e presta serviços à bruxa. Essas entidades adotavam com frequência a forma de animais, especialmente gatos pretos e cães” (Russel e Alexander, 2008, p. 98).

Esses familiares eram alimentados por meio de uma marca. Essas marcas, algumas vezes chamadas de marca da bruxa ou mamilos de bruxa, estão registradas em manuais de Inquisidores, tanto medievais quanto modernos. Segundo a tradição, devem ser alimentados com o próprio sangue do feiticeiro, como uma forma de fortalecer o laço entre o mago ou a bruxa e o espírito em questão.

Em *Salem*, os familiares escolhidos foram um sapo, uma aranha e um rato. O animal familiar de Mary Sibley é o sapo; Tituba tem uma aranha; e Anne Hale um rato. Ao longo do seriado, em diversos episódios, é possível observar quando as três alimentam seus familiares com gotas do seu sangue, direto de seus corpos. Segundo Carvalho e Fontoura (2015a), é verdade que muitos feiticeiros alimentam, em uma ou outra ocasião, seus animais familiares com sangue, mas isso não ocorre, necessariamente, com o animal bebendo diretamente do corpo da Bruxa.

A busca pela marca ou mamilo de bruxa – ou ainda, protuberância adicional – era um dos aspectos mais impiedosos da denúncia por bruxaria.

*Alguns suplicios destinavam-se a testar a culpa ou a inocência da bruxa [...]. Na prova da marca da bruxa, buscava-se no corpo da bruxa qualquer protuberância que pudesse ser considerada um mamilo adicional no qual, pressupunha-se, os demônios mamassem na forma de familiares (Russel e Alexander, 2008, p. 87).*

Admitia-se também que as bruxas possuíam pontos insensíveis difundidos pelo corpo, os quais teriam sido marcados pelo “diabo”.

*No oitavo episódio da primeira temporada, Departures, o inquisidor Increase Mather obriga seu filho, o também pastor, Cotton Mather, a fazer um exame de reconhecimento em uma das acusadas de bruxaria, a saber, sua amante. Trata-se de*

*um procedimento conhecido dentre os estudiosos e conhecedores dos manuais de Inquisição medievais e modernos. Presente, por exemplo, no famoso Malleus Malleficarum, o procedimento que visa encontrar a chamada Marca do Diabo parte do princípio de que qualquer marca estranha, mancha, sinal ou verruga, poderia servir como prova de que a acusada pertenceria a um grupo de bruxas. Em tese, seria por esta marca que a feiticeira alimentaria os seus Familiares com seu próprio sangue (Carvalho e Fontoura, 2015b).*

Algumas marcas eram visíveis, como uma cicatriz ou um lunar, mas também havia outras, invisíveis, que podiam ser localizadas punçando a acusada com instrumento pontiagudo, como nos revelam Russel e Alexander (2008). Os pesquisadores ressaltam que a marca do diabo é diferente da marca da bruxa. A respeito dessa última, Carvalho e Fontoura (2015b) explicam que é interessante notar que muitas vezes ela não é necessariamente algo físico, mas, diferente disso, pode ser como um sinal ou uma espécie de selo mágico – quando, por exemplo, nos rituais de Iniciação da Wicca (tradição moderna), a cada elevação de grau, o Iniciado é marcado pelo símbolo respectivo do seu grau, que pode ser um pentagrama normal, invertido ou coroadado.

*Dentro de diversos ramos da chamada Bruxaria “Tradicional” a Marca da Bruxa ou Marca do Diabo (Stigmata Diaboli) é uma cicatriz feita em alguma parte do corpo da bruxa, normalmente no formato de uma pequena cruz, durante a cerimônia de admissão da nova bruxa dentro de um Coven ou Congregação. Essa Marca tradicionalmente é feita pelo Magister, o líder masculino de um grupo [...]. Variações no formato e local da marcação existem, porém o sentido é o mesmo, marcar aquela pessoa, como uma forma de empoderamento, para que a partir daquele momento ela seja reconhecida como parte do grupo (Carvalho e Fontoura, 2015b).*

Ainda no âmbito da bruxaria tradicional, a marca do diabo é confundida com a marca de Caim ou a marca de Seth.

*A marca de Caim é uma referência à maldição que Deus (deus este, visto pelos bruxos e também por muitas seitas gnósticas como, na verdade, o Demiurgo) colocou sobre Caim e sua descendência. Marcado, tido como pária na sociedade, marginalizado e exilado, ao mesmo tempo essa marca indica que Caim não poderia ser morto por ninguém. A marca de Caim dentro desses ramos tradicionais é uma metáfora, e, como tal, simbólica, para o mistério conhecido como “Sangue-Bruxo” (Carvalho e Fontoura, 2015b).*

Essa marca é um símbolo da herança mágica em ramos cainitas da Arte, como o povo da serpente. Eles são os membros verdadeiros do sangue das bruxas, herdado (raramente) fisicamente ou pela reencarnação da alma, segundo Jackson e Howard (2008). Portar a marca de Caim é carregar, de acordo com Carvalho e Fontoura (2015b), em suas veias, o sangue bruxo, o sangue mestiço entre a raça do homem e a raça das fadas. Essa marca é vista e reconhecida apenas por aqueles que também a carregam, e cada bruxo ou grupo detém seus métodos para identificá-la.

### O *sabá*, os voos noturnos e os objetos mágicos

Tituba e Mary Sibley representam, no episódio *The Vow*, um rito que está alinhado aos registros históricos de confissões de bruxas, documentados nos relatos da Inquisição: a preparação de partida (voo noturno) para o *sabá*.

Recorrente não apenas na série, mas na ficção televisiva e literária, bem como no folclore de diversas partes do mundo, uma das características mais atribuídas às bruxas é a capacidade de voar. Este processo, de acordo com Carvalho e Fontoura (2015b), é retratado de maneira profunda e fidedigna na série:

*Tituba “unge” a vassoura com uma substância especial e com o mesmo líquido parece tocar a testa, o nariz e os lábios da sua Sacerdotisa. Após um momento, Mary literalmente “monta” a vassoura e depois é vista na cama com seus músculos enrijecidos entrando então em um estado alterado de consciência. Ela “voa”, então, não fisicamente, mas sim “espiritualmente” ao ponto de encontro e de comunhão com os demais Feiticeiros (Carvalho e Fontoura, 2015b).*

Ginzburg (2010) mostra que, em meados do século XV, o teólogo espanhol Alfonso Tostado, comentando o Gênesis, notava, casualmente, que as bruxas espanholas, depois de terem pronunciado certas palavras, besuntavam-se com unguentos e caíam num sono profundo, que as tornava insensíveis até ao fogo ou às feridas, e que, ao despertar, afirmavam ter ido a este ou àquele lugar (*sabá*) para encontrar-se com outras companheiras.

Tanto a ingestão de chás quanto a fricção de certos unguentos no corpo provocavam, de fato, reações alucinógenas. Tais reações conferiam certa perda da sensibilidade e poderiam

ser interpretadas como uma separação entre espírito e corpo – “uma mulher condenada à fogueira em 1571 [...] Margheritadi San Rocco, declara: ‘fui ao *sabá* mas não pessoalmente, e sim em espírito, deixando o corpo em casa’” (Ginzburg, 2010, p. 39).

Contudo, a partida (voo noturno) para o *sabá* e a própria assembleia ou reunião das bruxas podem estar associadas a experiências fora do corpo bem como a encontros físicos.

*Uma mulher de Gaiato, Orsolina, chamada “a Ruiva”, processada pela Inquisição de Modena, em 1539, ao juiz que lhe perguntava se ia ao *sabá* “sempre corporalmente ou em sonho”, respondeu que “muitos vão como visões” quando que “outros corporalmente”; quanto a ela, “ia sempre corporalmente” (Ginzburg, 2010, p. 42).*

Se, por um lado, para os wiccanos ou bruxos modernos o *sabá* consiste em uma experiência ritualística, de encontro sazonal ou físico, por outro, para muitos praticantes da arte tradicional, a ideia de *sabá* consiste em, de fato, uma experiência onírica.

*E para alcançar tal estágio, seja através dos chamados “sonhos lúcidos” ou mesmo pelo que pode ser chamado por alguns de “projeção astral”, existe uma série de preparativos que vão, sim, desde a ingestão de substâncias alucinógenas quanto a processos de respiração, concentração ou meditação controlada e até mesmo guiada. Lembremo-nos que em Salem o voo é sempre guiado por alguém, como na ocasião em que Mary ajuda Mercy a projetar-se para fora do corpo também (Carvalho e Fontoura, 2015b).*

Em *Salem*, o *sabá* físico é configurado, e o ritual, repleto de máscaras, chamou a atenção dos bruxos Odir Fontoura e Adriano de Carvalho.

*O elemento da máscara é profundamente simbólico dentre os diferentes ramos da Bruxaria. Em um sentido prático, indo ao encontro do que Gardner chama de palingenesia no seu livro *A Bruxaria Hoje*, a prática de “mascarar-se” sob uma perspectiva Bruxa está relacionada ao intuito de “vestir” uma outra personalidade, de “nascer” novamente, mas sob outra forma. Ao usar, por exemplo, uma máscara ritualística de um animal selvagem, como a de um gamo, por exemplo, o Bruxo invoca para dentro de si aspectos da natureza deste animal: a força, a rapidez, a virilidade, ou a fertilidade. Ao mascarar-se como uma coruja, uma Feiticeira pode reivindicar para si a natureza da noite, da visão, da esperteza ou da habilidade de camuflar-se (Carvalho e Fontoura, 2015b).*

Segundo Russel e Alexander (2008), a representação desse ritual sabático tem uma semelhança com as danças praticadas há mil anos na Europa, nas quais as pessoas vestiam roupas de animais – talvez essa tenha sido uma das origens da ideia das máscaras e da metamorfose, condenadas pela igreja cristã e associadas à bruxaria. Usar a máscara de um deus ou de uma deusa pode significar que o bruxo ou bruxa busca repetir o mito ou a sua jornada, bem como se mostrar aberto para receber as benesses daquela deidade. Trata-se, portanto, de um costume tradicional e que, segundo Carvalho e Fontoura (2015b), embeleza muitos rituais.

Uma maçã, esculpida com diversos símbolos, é, de fato, um pequeno vaso ou recipiente, que contém a praga que as bruxas libertam ao final da primeira temporada – “este é, sem dúvida, um dos objetos mais interessantes que aparece na série” (Carvalho e Fontoura, 2015b). Vasos e recipientes, lembram os bruxos, são extremamente comuns dentro da bruxaria, assim como em outros cultos de orientação feitiçeira, como o vodu. São largamente utilizados para guardar, manter espíritos e poderes.

*Em Salem, o Malum [objeto utilizado para feitiço] é uma maçã, o que nos leva obviamente ao fruto do conhecimento do Bem e do Mal do mito Edênico. A Bíblia não nos diz exatamente qual era esse fruto, mas a tradição popular atribui o mesmo a uma maçã – fruto sagrado para Vênus. [...] É sabido que, para diversas vertentes da Arte, o mito Edênico é uma tradução do próprio atavismo de onde flui o “Sangue-Bruxo”, onde a Serpente, vindo como uma libertadora da opressão do Deus/Demiurgo, permite à primeira mulher e ao primeiro homem que comam do fruto e, portanto, se tornem sábios como os deuses (Carvalho e Fontoura, 2015b).*

Os autores apontam ainda que o interessante é que essa mesma visão, compartilhada por muitos bruxos, é dada na série quando a personagem da Condessa Marburg, interpretada pela atriz Lucy Lawless, cita, no episódio *Midnight Never Come*, da segunda temporada, as seguintes palavras sobre a serpente e a árvore do conhecimento: “A primeira e melhor mulher, nossa mãe Eva, seguiu a serpente. Desde então, homens mesquinhos tem nos atormentado. Já se perguntou que tipo de deus planta uma árvore carregada com o fruto do conhecimento apenas para proibir a sua criação de partilhá-lo?” (Salem, 2015).

A indagação da Condessa Marburg sugere que a criação do mito do Éden deve ser percebida como uma crença falsa e pernicioso, que assombra a humanidade há eras.

*Como resultado desse mito judaico-cristão, a propaganda rotulou a serpente como uma criatura má e detestável e, em comum com ela, as religiões patriarcais costumam representar as mulheres como tentadoras malignas que levam os homens à perdição com seus ardis femininos (Jackson e Howard, 2008, p. 191).*

Para a comunidade de bruxos e pagãos, a “tentação” de Eva é considerada um ato de libertação para o futuro da humanidade. A serpente representa a sabedoria na sua forma mais pura. Jackson e Howard (2008) lembram que os Ofitos, ou Irmandade da Serpente, no século II d.C., viam a serpente como a personificação da sabedoria absoluta e da humanidade, a mãe e autora de todo o conhecimento e das ciências. Portanto, a “queda” não era algo do qual se arrepender, “mas a transição da humanidade antiga para um estado mais elevado de conhecimento e consciência” (Jackson e Howard, 2008, p. 193).

## Considerações finais

Bruxos, bruxas, feitiçeiros, feitiçeras, magia, rituais pagãos; palavras que ainda hoje povoam, despertam e inquietam as mentes e a imaginação. Até a década de 1990, as práticas de bruxos e bruxas de todo o mundo não tinham a nitidez que têm hoje. Antes do advento da internet, eles permaneciam isolados uns dos outros. Mas, em 1997, a inauguração do *website* witchvox.com, de Wren Walker e Fitz Jung, e seu rápido crescimento, gerou enorme repercussão sobre essas comunidades.

Russel e Alexander (2008) reforçam que as indústrias cinematográficas e televisivas capturaram bem esse movimento, que ganhava *corpus* e que acabou, em meados da década de 1990, por implantar e dar visibilidade a uma imagem e um conceito de bruxaria – em especial, a moderna – ligada a uma cultura mais popular e voltada para o público adolescente. Os resultados dessa explosão na cultura *pop* desse período, conforme afirmam os dois pesquisadores, ainda se fazem sentir entre nós.

A série *Salem* vem se somar a tantos outros títulos a respeito da temática. Contudo, as representações de bruxaria em seus episódios revelam muito mais aproximações e do

que distanciamentos no tocante aos aspectos presentes nas práticas mágicas e ritualísticas, tanto na bruxaria tradicional quanto na moderna. É possível perceber elementos que se encaixam em ambas as configurações. Bruxos tradicionais ou modernos conseguem se identificar com determinadas imagens e conteúdos produzidos no seriado.

## Referências

- ASET, S. 2011. Principais tradições de bruxaria. Disponível em: <http://covenamantesdeisis.webnode.com.br/news/principais%20tradi%C3%A7%C3%B5es%20de%20bruxaria>. Acesso em: 23/04/2016.
- BETH, R. 1997. *A bruxa solitária: lições e aprendizes de bruxaria*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 204 p.
- BRASILIENSE, D.R. 2009. Os vestígios da monstruosidade na feitiçaria e na loucura e os discursos contemporâneos da mídia sobre os sujeitos criminosos. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 11(2):125-136.  
<https://doi.org/10.4013/fem.2009.112.05>
- CARVALHO, A. de; FONTOURA, O.M. da C. 2015a. As “verdades” em Salem (Parte 1). Disponível em: <http://www.sonodeendimiao.com.br/2015/06/as-verdades-em-salem-parte-1.html>. Acesso em: 18/05/2016.
- CARVALHO, A. de; FONTOURA, O.M. da C. 2015b. As verdades em Salem (Parte 2). Disponível em: <http://www.sonodeendimiao.com.br/2015/07/as-verdades-em-salem-parte-2.html>. Acesso em: 18/05/2016.
- CARVALHO, A. de. 2015. Entrevista II – Draku Qayin. Disponível em: <http://venenoserpentino.blogspot.com.br/2015/04/entrevista-ii-draku-qayin.html>. Acesso em: 08/06/2016.
- DRACO, R. [s.d.]. O que é Bruxaria Tradicional. Disponível em: <http://www.bruxariatradicional.com.br/o-que-e-bruxaria-tradicional.htm>. Acesso em: 21/06/2016.
- DUARTE, J. 2013. *Reinventando tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil*. Brasília, DF. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 239 p.
- ELIADE, M. 2011. *História das crenças e das ideias religiosas: de Maomé à Idade das Reformas*. Rio de Janeiro, Zahar, 321 p.
- ESQUENAZI, J. 2010. *As séries televisivas*. Lisboa, Edições Texto & Grafia, 192 p.
- FRAZER, Sir J.G. 1982. *O ramo dourado*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 257 p.
- FURQUIM, F. 2015. Salem está renovada para sua terceira temporada. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series/series-renovadas/salem-esta-renovada-para-sua-terceira-temporada/>. Acesso em: 24/04/2016.
- GARDNER, G.B. 2003. *A bruxaria hoje*. São Paulo, Madras, 153 p.
- GASKELL, G. 2002. Entrevistas individuais e grupos. In: M.W. BAUER; G. GASKELL, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Vozes, p. 64-89.
- GINZBURG, C. 2010. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo, Companhia das Letras, 283 p.
- JACKSON, N.; HOWARD, M. 2008. *Os pilares de Tubalcain: a tradição luciferiana*. São Paulo, Madras, 304 p.
- LELAND, C.G. *Aradia: o evangelho das bruxas*. São Paulo, Outras Palavras, 167 p.
- LIPOVETSKY, G. 2000. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo, Companhia das Letras, 339 p.
- MURRAY, M. 2003. *O culto das bruxas na Europa ocidental*. São Paulo, Madras, 262 p.
- NOGUEIRA, C.R.F. 2004. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão*. Bauru, EDUSC, 310 p.
- NOGUEIRA, C.R.F. 1995. *O nascimento da bruxaria: da identificação do inimigo à diabolização de seus agentes*. São Paulo, Editora Imaginário, 217 p.
- PEDROSA, P.S.R. [s.d.]. Neo Paganismo e Bruxaria. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=apologetic&artigo=neopaganismo&lang=bra>. Acesso em: 18/04/2016.
- RUSSEL, J.B.; ALEXANDER, B. 2008. *História da bruxaria*. São Paulo, Aleph, 207 p.
- SALEM. 2015. 2ª temporada: Midnight Never Come. Direção: Alex Zakrzewski. 21<sup>st</sup> Century Fox, 42 min, color. Episódio exibido no Brasil pelo canal FOX 1.

Submetido: 23/09/2016

Aceito: 04/04/2017